

VAMIREH CHACON

A Calábria nordestina

Em meio à generalizada ausência de lei pelos sertões brasileiros, ainda há espaço para grandeza trágica, lá onde continuam existindo reis de clãs patriarcais, troncos de famílias que perpetuam, de geração em geração, ódios infinitos.

O início da tragédia de Exu foi o assassinio de Cincinato Alencar Sette, um destes senhores semifeudais de terras áridas e distantes, onde a seca representa a regra e não a exceção. Ninguém mais se lembra do motivo exato da morte, tantas se sucederam. Uma questão qual quer de limites de propriedade e, daí em diante, o morticínio de geração em geração.

É a nossa Sicília, até pela paisagem acidentada e poeirenta e não só pelos hábitos da *vendetta*. Agora repercutindo no próprio *New York Times*.

Ali vale a família. O indivíduo, sozinho, não resistiria ao clima. Precisa de apoio dos parentes, os amigos mais amigos, ligados pelo sangue, para resistir à estiagem e à pobreza do solo em si. Grandes extensões de área para pouco gado. Os dependentes necessitando de tudo, gerando uma fidelidade cega. Uma agressão a alguém do clã implica ofensa a todos.

Engana-se quem imagina tratarem-se de facinoras.

Pertencem a outro tipo de gente: costumam ser mansos, silenciosos, hospitaleiros. Mas desgraçado de quem desafiar qualquer artigo do seu código de honra. Principalmente se tocar numa mulher, ou ferir ou matar um homem. Claro que também os limites da terra são sagrados.

Tudo ainda vive no mundo da palavra empenhada.

A estrada asfaltada de rodagem chegou há pouco tempo ao sertão, no máximo há uma geração, quando encontrou já formados, ou deformados, os indivíduos hoje com quarenta anos.

A indústria da seca e o sindicato da morte pertencem a áreas mais urbanizadas e mais próximas do litoral. O alto sertão nordestino, no coração da região, permanece quase intocado entre os limites de Pernambuco, Ceará e Piauí. Lá existem cidades que só merecem o nome por força de expressão. Não passam de arruados mais poeirentos e violentos que as cidades fantasmas do *Far west* do cinema e televisão dos Estados Unidos. Só que discretamente.

O cangaceirismo clássico, que o historiador-sociólogo inglês Eric Hobsbawm inseriu na sua categoria de rebeldes primitivos, desapareceu. Foi liquidado pela estrada de rodagem. O último grande representante da espécie, Virgulino Ferreira, "Lampião" por apelido e Capitão por ordem do presidente Artur Bernardes para perseguir a Coluna Prestes, morreu faz bastante tempo, em 1938. Ele aceitou o confuso oferecimento da patente honorária, que nunca ninguém soube explicar direito, e não perseguiu Coluna nenhuma. Preferiu paradar com um título, que passou a equivaler ao de Rei do Cangaço.

Afinal de contas, até um Presidente da República tinha precisado dele, e ele se dera ao luxo de não servi-lo, ficando tudo por isso mesmo.

Virgulino Ferreira "Lampião" nasceu perto do Exu, na antiga Vila Bela, hoje Serra Talhada, também berço de Agamenon Magalhães. O que explica muitos dos seus métodos políticos, principalmente no Estado Novo... E os de Etelvino Lins, nascido na próxima Sertânia e filho de Ulysses Lins de Albuquerque, cronista da região em vários livros pouco conhecidos fora do Nordeste, apesar de às vezes impressos no Rio de Janeiro.

Agamenon e Etelvino depois se sofisticariam nas metrópoles. Viriam a ser ministros e parlamentares, mas sempre guardando no fundo a desconfiança atávica da onça autocontendo-se no disfarce do bote.

A Calábria nordestina, que chegou a fazer um Presidente da República, Epitácio Pessoa, sertanejo paraibano, capaz das violências de um cangaceiro e das sutilezas de representante do Brasil na Conferência de Versalhes e na Corte Internacional de Haia, a Calábria nordestina talvez esteja vivendo seus últimos tempos de autenticidade. Seu tipo de criminalidade se acha ameaçado pela televisão e pelas campanhas eleitorais estaduais e nacionais. Mas vai expirar disparando seus últimos tiros, indiferente à reação dos centros maiores que não se envergonham da marginalidade social dos seus crimes em massa.

O assassínio de Cincinato Alencar lançou toda sua família contra o clã rival, os Sampaio. Porém não de uma vez. Lá a morte é lenta: espera-se que morram, sucessivamente e de um em um, os vingadores como num campeonato de boxe, *round por round*. O tempo do sertão arrasta-se na sua vida pré-industrial.

O coronel Chico Romão Sampaio ordenou e presenciou o homicídio de um Alencar na praça recifense de Apipucos, quase à porta do pernambucano maior, Gilberto Freyre. Evadiu-se. Escondeu-se no Piauí. Voltou. Foi absolvido, mas não escapou da bala vingadora.

Os clãs do Exu passaram a envolver outros clãs pelos municípios vizinhos, do lado pernambucano como Serrita e entrando pelo Ceará, por Crato. Políticos de renome nacional são aparentados a estas origens: Cid Sampaio e Miguel Arraes de Alencar, por exemplo, que chegaram a Governadores de Pernambuco.

Só que de agora em diante a perseguição vingadora tem de invadir as grandes cidades: as duas mais recentes vítimas tombaram sob um sinal luminoso numa avenida do Recife. Os algozes, que terminarão vítimas, consumarão a perseguição mútua pelo asfalto urbano e não só pelas estradas poeirentas e distantes.

Até que a industrialização e a urbanização cheguem, bem ou mal, na Calábria nordestina, já minada pelos bolsões mercantis e industriais de Crato-Juazeiro, Picos e Petrolina.